

**Universidade:
presente!**

PROGRAD
PROPQ
SEAD

RELINTER
CAF
SAI

XV Salão de
ENSINO

21. 25. OUTUBRO • CAMPUS DO VALE

CONVOCAMENTO FORMACINOVAC
Salão UFRGS 2019

Evento	Salão UFRGS 2019: XV SALÃO DE ENSINO DA UFRGS
Ano	2019
Local	Campus do Vale - UFRGS
Título	Educação patrimonial e futebol: uma experiência a partir de estágio de docência na educação básica
Autor	KATIANE MACHADO CEZIMBRA
Orientador	CARMEM ZELI DE VARGAS GIL

RESUMO: Nesta comunicação discute-se as experiências desenvolvidas durante o “Estágio de Docência em História - Educação Patrimonial”, atividade de ensino obrigatória do curso de graduação em História da UFRGS. O estágio foi realizado na EEEF Santa Luzia, escola pública da rede estadual em Porto Alegre, em um conjunto de turmas dos anos finais do ensino fundamental durante o primeiro semestre letivo de 2019. O tema principal trabalhado foi o futebol, compreendido como patrimônio, além das implicações do racismo e do machismo presentes no universo futebolístico. Para isso, desenvolvemos uma série de atividades de educação patrimonial visando a construção do olhar crítico sobre os significados de patrimônio e o futebol. Essa escola possui um importante trabalho realizado nessa área pela professora de História, Carla de Moura. Nas suas aulas, os/as educandos/as são os impulsionadores/as e produtores/as da ressignificação de suas memórias e histórias a partir do patrimônio local. Isso é extremamente relevante para problematizar as escolhas e olhares que realizamos ao produzir e ensinar a História como ciência, pois podemos perceber o quão potente e subversivo a educação patrimonial, ao fazer uso de uma série de elementos (como cheiros, sabores, cores, danças, práticas esportivas, brincadeiras, produção de artesanatos, etc) para situar e vincular o/a educando/a como produtores/as da história. Entendemos esse ensino patrimonial como afetivo, profundo e mais intenso que um monumento e/ou documento exposto numa galeria de museu. Isso não significa negar ou refutar a importância dos museus, mas ressaltar como o patrimônio precisa ser significativo para os/as distintos/as agentes históricos/as se reconhecerem nas memórias e narrativas coletivas. Durante o processo de concepção e formulação do projeto de educação patrimonial, surgiram muitas dúvidas e incertezas, ao mesmo tempo em que íamos fortalecendo a ideia de que o trabalho tivesse como base o vínculo afetivo, para chegar a uma temática significativa para os/as educandos/as. Assim sendo, propusemos algumas rodas de conversa para realizarmos a escuta sobre seus interesses e trajetórias de vida, ao mesmo em que buscamos estabelecer laços de confiança e proximidade entre estes educandos/as e os/as professores/as estagiários/as. Esse movimento foi muito efetivo, já que muitos se sentiram à vontade para falar de si e da comunidade onde moram, a Vila Maria da Conceição, próxima à Escola. Foi através dessas rodas de conversa que o futebol surgiu como elemento fundamental para nosso projeto. Identificamos em muitas narrativas que o futebol tinha imensa importância, tanto no cotidiano dos/as estudantes como na vida social da comunidade. A partir daí, direcionamos o projeto de educação patrimonial para debater racismo e machismo no futebol e, assim, com a temática do projeto já definida, e ela sendo do interesse afetivo e de pertencimento para os/as estudantes, fomos interligando e aprofundando a relação entre o futebol e o patrimônio. Nas diversas oficinas utilizamos recursos como: reportagens, vídeos, objetos relacionados ao futebol, memórias afetivas da família, a própria prática do futebol em si, saídas a campo, além de muitos debates, com o intuito de visualizar e delinear o futebol como patrimônio. É importante ressaltar que o patrimônio é algo que “deve abranger não mais os critérios e tipologias consagradas, mas as paisagens, edificações, objetos, fazeres, saberes e crenças que configurem uma referência à memória e à identidade dos diversos grupos sociais” (AMARAL, 2015, p. 44). Com isso vinculamos a concepção de patrimônio ao futebol, numa perspectiva geral, e ao time amador “Academia do Morro” da própria comunidade dos/as estudantes (Vila Maria da Conceição), numa perspectiva mais específica. Concluímos, a partir das questões colocadas no trabalho, que os caminhos percorridos para realizar o estágio de educação patrimonial foram instigantes, complexos e complicados, isso porque estávamos compreendendo e elaborando juntos/as o que é o patrimônio. Nosso andar indicou novos horizontes dentro do ensino de história com o patrimônio, desestabilizando conhecimentos já prontos, e reorganizando esses conhecimentos desde pontos ainda não abordados na nossa trajetória acadêmica. Além disso, possibilitou uma vivência “(in)tensa” que é estar no espaço escolar, experienciando o cotidiano pulsante da sala de aula e das relações no ambiente institucional de ensino. Essa caminhada epistêmica, de pesquisa, produção e organização do projeto, possibilitou visualizar o patrimônio como mais profundo e multifacetado do que nosso imaginário colonizado, além de mostrar como a prática do futebol tem uma importância ímpar dentro das comunidades periféricas, em especial na Vila onde a escola está situada. O estágio de educação patrimonial explicitou como o ensino-aprendizagem é consolidado, na medida em que tratamos de questões relativas ao interesse e cotidiano de nossos/as estudantes, respeitando e escutando seus saberes. As oficinas que foram promovidas, por sua vez, partiram de distintas atividades, como prática esportiva e a elaboração de caixa pedagógica, para demonstrar como podemos abordar a história, desde o futebol como patrimônio, complexificando as relações sociais que atravessam esse mundo do lazer, da sociabilidade e da produção de memórias coletivas. Por fim, foi possível atestar que o patrimônio é aquilo que possui significado e pertencimento a um grupo e/ou comunidade, como o futebol de várzea/amador realizado pela “Academia do Morro”.